

Ms. 12561

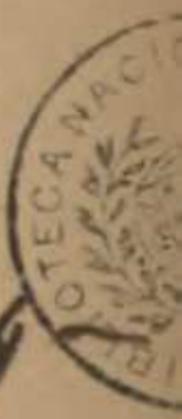
Série de Notas sobre a Guerra

N.º 125

O partido trabalhista belga

PUBLICADA PELO

col 17



Bureau da Imprensa Britannica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918

O partido trabalhista belga

(Parti Ouvrier Belge)

Memorandum sobre as Condições de Paz

Assim que rompeu a guerra europêa o partido trabalhista belga proclamou o seguinte: 1) que a democracia socialista nenhuma responsabilidade tinha naquele desastre; 2) que o proletariado belga prestaria auxilio para deter a invasão do seu paiz «com tanto mais zelo porque estava persuadido que na defeza da neutralidade e da propria existencia do seu paiz, servia a causa da democracia e da liberdade politica da Europa»; 3) que os camaradas chamados a servir na guerra tinham obrigação de se mostrar em todas as circunstancias leais e fraternais e de nunca esquecer que fazia parte do Proletariado Internacional.

1.º

Após tres anos de maguas infindas e sofrimentos atrozes, a classe operaria belga pode

orgulhosa e afoutamente declarar perante o proletariado do mundo que tem mantido inabalável a sua fidelidade aos principios declarados na hora suprema. Hoje, como no dia 4 de agosto de 1914, está convencido o P. O. B. que a Belgica nada fez que justificasse a nefanda agressão sob a qual não tem cessado de penar. Os operarios socialistas belgas nunca lamentarão ter sofrido e ter derramado o seu sangue em defeza do direito; os acontecimentos subsequentes vieram fortalecer a sua opinião que, na defeza da independencia da sua patria servem a causa da democracia e da liberdade politica da Europa. A consciencia não os acusa de ter esquecido um só dia o facto que pertencem ao Proletariado Internacional.

Infelizmente teem tido de soffrer a desilusão mais cruel ao ver enxovalhado e aviltado o belo ideal de liberdade e de justiça que julgavam simbolisado nos Socialistas Internacionais. Estão convencidos que a comunidade de interesses e aspirações que vigora entre os operarios mundiais reatará mais tarde os laços quebrados; porém desejam sobretudo — por ser o unico modo de se obter um resultado proveitoso — restituir aos socialistas internacionais a sua grandeza moral pelo restabelecimento de mutua sinceridade e confiança. Nunca se poderá obter este resultado, contudo, sem abjuração, censura ou despedida daqueles cujo orgulho, egoismo, loucura ou falta de coragem trairam a causa da Democracia e Solidariedade internacionais.

Tem-se repetido em muitos paizes e debaixo de muitas formas que as causas fundamentais da guerra se encontram no antagonismo de interesses inerentes á sociedade capitalista; que estes antagonismos se acham exacerbados pelas tendencias imperialistas dos grandes Estados patrocinados pelas ambições dinasticas e levadas a uma tensão extrema pelo desenvolvimento crescente de armamentos, especialmente na Alemanha. A Democracia Social de todos os paizes repudiou pelo passado com uma energia incansavel estes antagonismos e as suas provaveis consequencias. Tem pugnado quasi isoladamente contra o militarismo e a favor da arbitragem internacional; tem censurado a cegueira das classes que governam e a impotencia da democracia burgueza. Ninguem lhe negará essa honra.

Mesmo sendo verdade que a principal responsabilidade pelo conflicto pertence ao imperialismo, isso não justifica que se adopte o fatalismo de desespero que tomam certas formulas ingenuas, como a dos infelizes soldados social-democraticos alemães que repetem como se fosse uma lição aprendida ou uma senha: «Foi o capitalismo que causou a guerra.» Tais individuos fariam melhor de se curvar resignados desde já perante a sentença duma filosofia detestavel que pronunciou, referindo-se á guerra, um Principe da Egreja, provavelmente com o intuito de desculpar a monarquia católica

apostólica da Austria-Hungria: «Fere Deus para melhor sarar.»

O bom senso e o os bons instintos da classe operaria, os anos dispendidos por ela na luta e na defeza, protestam contra esta tendencia para ocultar sob formulas vagas as verdadeiras responsabilidades e o crime cometido inconsciente ou pensadamente. Os operarios sabem que o capitalismo leva á exploração desapiada das forças ainda não desenvolvidas de mulheres e creanças. Esta convicção tem servido de estímulo á acção sindicalista e politica para obrigar os patrões a tomar em maior consideração o bem estar das mulheres e dos filhos dos operarios. Além disso, na esfera internacional o proletariado recusa aceitar o papel de vitima passiva de forças ocultas que se denominam soberanas e predestinadas.

Infelizmente a força da agitação proletaria contra a guerra não teve nos diferentes paizes igual desenvolvimento nem igual successo; e quando se desdenhou a catastrophe, vimos com magua inexprimivel que a grande maioria das massas organisadas das Potencias Centrais auxiliava, aprovava e até aplaudia as empresas imperialistas dos seus governos. O partido operario em Inglaterra lançou um protesto contra a guerra Sul-Africana; as mulheres italianas impediram que partissem os comboios militares que conduziam tropas para a expedição da Abissinia; os operarios da Catalunha declararam uma greve geral como protesto contra a campanha de Marrocos; o proletariado belga traba-

lhou com ardor para destruir o detestavel sistema de exploração estabelecido no Congo sob os auspicios de Leopoldo II; os russos aproveitaram a guerra russo-japoneza para organizar a primeira resolução em 1905.

Nunca nos ofereceu, porém, o proletariado alemão o espectáculo dum destes grandes movimentos de revolta. Bem ao contrario, durante a demorada contenda franco-germanica a respeito de Marrocos, emquanto a democracia franceza, a despeito do incitamento dos chauvinistas e dos capitalistas sofregos, forçou a administração a adoptar uma politica conciliadora e de concessões, fizeram-se ouvir vozes que partiam do centro do partido socialista alemão desculpando os actos provocativos do Kaiser e aprovando a politica colonial do Imperio. Nem será preciso recordar a attitude equívoca e hesitante da secção alemã nos Congressos Internacionais sempre que entrava em discussão o militarismo. Foi pronto demais o proletariado em toda a parte em aceitar a explicação dada, — que a situação politica interna da Alemanha tornava necessario o militarismo.

Com que discernimento atirou Jaurès da tribuna do Congresso de Amsterdam com esta invectiva apaixonada á secção alemã: «Vós não tendes tradições revolucionarias; politicamente sois impotentes!» Mas havia muito peor: faziam a sua obra entre as massas organisadas diversas correntes subterraneas; nas fileiras do partido defendiam-se o chauvinismo e o imperialismo completando assim a desmoralisação do

espírito e do coração começada nas escolas e nas casernas. Mal apareceu o primeiro indicio da formidável conflagração que envolveu a Europa em agosto de 1914, quando os discipulos de Hildebrand e de Lentheur correram a celebrar o seu triunfo nos Imperios Centrais, a desencaminhar as multidões sob a influencia das paixões excitadas e das mentiras officiais, a testemunhar um desprezo absoluto pelo direito e a enaltecer o espirito de conquista e de dominio.

3.º

Depois da guerra balkanica, a Austria-Hungria, vanguarda do imperialismo germanico, receosa que se lhe fechasse o caminho para o mar, procurou restabelecer a sua influencia nos novos estados slavos nascidos sob a egide da Russia. Encontrou porém, particularmente na Servia, uma resistencia bem justificada em presença da hostilidade oferecida pela Hungria ao desenvolvimento economico da Servia, e estimulada pelas aspirações nacionais. A Austria-Hungria aproveitou-se do crime de Serajevo para aniquilar essas aspirações e, com a aprovação do Conselho Real Germanico que se reuniu em Berlim a 5 de julho, mandou á Servia um assombroso ultimatum com o fim evidente de levar esse pequeno paiz para a guerra. A Servia, porém, cedeu a quasi todas as imposições e ofereceu remeter ao tribunal de arbitragem da Haya as condições em discussão. A Austria de-

clarou a guerra, que segundo as revelações feitas por Giolitti ela já tinha tentado desencadear em 1913. A Rússia testemunhou claramente a sua resolução de defender os seus protegidos e, juntamente, a sua influencia nos Balkans. Mobilisou parte das suas forças.

A Italia e a França intervieram a favor dum acordo amigavel; a Inglaterra propoz uma conferencia das Grandes Potencias e a Rússia aceitou a proposta. A Austria-Hungria, que desejava a todo o custo punir primeiro a Servia, só consentiu a discussão sobre assuntos subsidarios e recusou uma Conferencia das Grandes Potencias. A Alemanha deixou toda a liberdade á sua aliada e sob a pressão do partido pan-germanista e das associações militares e navais, aceitou a mobilisação parcial da Rússia e que ela declarou ao povo alemão ser uma mobilisação completa, como pretexto para declarar a guerra á Rússia, e isto não obstante a proposta da Rússia feita no momento critico para se levar a contenda ao tribunal da Haya. Para provar o seu desejo de paz, a França mandou retirar as forças que estavam nas fronteiras até um ponto onde poderia evitar incidentes provocativos -- parece-nos ouvir ainda a voz retumbante de Jaurès que enchia o imenso Circo de Bruxellas, afirmando o desejo ardente do seu governo de manter a paz. Porém a Alemanha declarou-lhe a guerra. A Belgica, sincera amiga de todos os seus visinhos, que tinha cumprido rigorosamente com todos os deveres da neutralidade -- uma neutralidade imposta pela Europa

e garantida pela Prussia — a Belgica foi invadida. A Inglaterra tomou a sua resolução.

Haverá em toda a historia um exemplo mais claro do desejo de agressão e dominio por um lado e de conciliação e arbitragem por outro? O que fez o partido socialista das Potencias Centrais? Os votos de credito não chegaram a ser levados perante o Reichsrath austriaco, porém a *Arbeiter-Zeitung*, órgão do partido socialista germanico na Austria, saudou como data memoravel o começo de hostilidades e alegrou-se com o «Dia da Alemanha». A 4 de agosto, no Reichstag alemão os deputados socialistas aceitaram unanimemente os Votos de Credito; e quando o Chanceler confessou com cinismo a violação da lei internacional cometida pela invasão do Luxemburgo e da Belgica, esses homens, depositarios da honra da Internationale, não proferiram uma unica palavra de protesto nem mesmo de pezar. Soube-se depois que, numa sessão particular, 14 membros do partido insistiram que o grupo devia opôr-se ao Voto de Credito ou pelo menos abster-se de votar; mas a disciplina partidaria levou-os a unir e pela fraqueza tornaram-se cúmplices do crime. Perderam este ensejo sublime de gravarem os seus nomes nas paginas da historia.

No entretanto, os socialistas belgas, lembrando-se das declarações feitas em Paris pelo deputado alemão Muller em 31 de julho: «Na Alemanha está absolutamente excluido o Voto afirmativo», e não obstante o vergonhoso atentado contra o seu paiz, acreditaram que o pro-

letariado Alemão tinha sido levado para a guerra contra a sua vontade; e alguns militantes, com Vandervelde á frente, foram visitar os prisioneiros alemães para se certificarem que estavam sendo bem tratados. Reconheceram-se em breve vitimas duma cruel ilusão e não tardaram a receber uma recompensa estranha.

4.º

A onda das hordas prussianas passou por esse pequeno paiz de inocentes e ingenuos, levando deante dela homens e mulheres e portando-se em conformidade com a ordem do seu chefe supremo dada ás tropas quando as mandou combater os Boxers chinezes — isto é, como Hunos. Não respeitaram lei divina nem lei humana; pilharam, queimaram, mataram. As ruínas de Vise, Herve, Andenne, Auvélais, Monceaux, Dinant, Tamines, Louvain, Aerschot, Termonde e inumeras aldeias dão um testemunho eloquente da devastação consumada sem a menor desculpa de necessidade militar. Em poucos dias a soldadesca lançou na orfandade entre a população civil mais entes do que tem feito a guerra em tres annos entre as familias dos militares. Perante todos estes horrores sem nome permaneceram silenciosos os democratas sociaes alemães, e a imprensa alemã acumulava insultos e calunias sobre a população abatida e o governo alemão publicava os contos mentirosos de francs-tireurs.

Representantes autorisados do partido socia-

lista alemão vieram ver a obra da sua nação e visitar os seus irmãos infelizes. Hermann Wendel, o qual numa ocasião em pleno Reichstag bradou «Vive la France!» veio declarar que a Alemanha tinha sido atacada e que os soldados francezes tinham entrado na Belgica antes de se chegar o exercito alemão. Provavelmente este homem tambem acreditou a historia das bombas atiradas sobre Nuremberg. Liebknecht contou-nos que tinha o coração dilacerado pelos factos colhidos e que estava cheio de remorsos ao contemplar as ruinas fumegantes das nossas cidades. Seguiu-se Noske com o seu acolito Koster, para anunciar com um cinismo espantoso a verdadeira opinião da maioria dos socialistas alemães. «Deverieis tê-los deixado passar!» Respeito pelos tratados, honra nacional — «meras concepções burguezas!» Trouxe-nos — este homem vindo da Prussia — boas leis sociais e o sufragio universal. Na Alemanha não se podia recusar o Voto de Creditos sem trazer a ruina das organizações socialistas; emquanto a nós, não tínhamos organização. Por fim ofereceu-se para falar a nosso favor ás autoridades superiores. Nunca se revelou tão claramente o orgulho insensato e o espirito de predominio deste povo, incluindo os socialistas. Este é o mesmo Noske que mais tarde escreveu um livro defendendo os incendios e os massacres de Louvain. Até disse que tinha visto os sinais das balas dos francs-tireurs nas paredes arruinadas da cidade!

Emquanto o mundo todo estremecia aos ge-

midos do nosso povo torturado e que os protestos se elevavam por todos os lados; enquanto o Kaiser mandava cobrir as nossas paredes com placards anunciando que o «seu coração escorria sangue» á vista dos sofrimentos que era obrigado a inflingir-nos, nesse mesmo periodo tornou-se patente o movimento imperialista no centro da democracia-social alemã. Via-se «Haenisch» e Lensch, David e Quesnel, Gohre e Sudekum empreenderem uma cruzada por meio de conferencias e escritos a favor da missão «civilisadora» da Alemanha, — falsificando sem pejo as doutrinas imortais que Marx legou aos povos. A maior parte dos chefes sindicalistas e dos membros eleitos permitiram — aprovaram mesmo — esses homens desmoralisadores do espirito socialista e revolucionario, que ainda hoje se estão pavoneando á frente do partido.

Nos paizes neutrais a opinião socialista, tal qual a opinião publica, abraçou em toda a parte a causa da Belgica. Ainda que se reconheça que o primeiro dever dos governantes é resguardar o proprio paiz, não se chega a compreender o motivo que levou os grupos internacionais — os quais tambem se abrigavam debaixo de formulas gerais — a não tomar uma attitude firme, repudiando a politica e os actos das Potencias Centrais e dos seus partidos socialistas. Causou-nos profunda magua nestas circumstancias a attitude absurda adoptada por certos socialistas inglezes, os quais, pelo odio que votavam ao imperialismo, censuraram o seu governo por

ter tomado parte na guerra. Na sua cegueira não viam que a abstenção da Gran Bretanha teria sido afirmar o triunfo da peor especie de imperialismo e militarismo. O operariado da Bélgica, que nutre no coração um amor infundo á França e uma grande admiração pelo seu heroismo, dedicará um reconhecimento eterno á Gran Bretanha, que em vez de imitar certos neutrais pusilânicos e aceitar o papel de Poncio Pilatos como pediam esses socialistas, soube respeitar tratados e manter a sua independencia.

5.º

Passadas as primeiras semanas de exaltação patriótica, quando em todo o mundo palpitavam os corações ao saber das infâmias praticadas na Belgica; quando apesar de tudo a verdade transpareceu pela publicação dos documentos diplomaticos; e principalmente, quando os exercitos imperiaes sofreram o seu grande cheque no Marne e no Yser, era licito esperar que voltassem a si os democratas-sociaes alemães. Porém, não! Scheidemann recusou a proposta dos nossos amigos holandezes que se fizesse um inquerito com respeito aos métodos de guerra empregados na Belgica. Conta Haase que, preparando-se para a sessão do Reichstag de 2 de dezembro de 1914, foram precisas longas discussões á porta fechada para que o partido socialista chegasse a um acordo sobre a proposta de se pôr á frente da declaração official do grupo uma pequena frase recordando as palavras do

Chanceler, proferidas em 4 de agosto a propósito da Belgica.

Tendo a maioria dos democratas-sociais alemães esquecido desde os primeiros dias da guerra o sublime ideal do direito incorporado na Internationale, ficaram ligados ao militarismo e imperialismo, fazendo-se instrumentos deles e servindo de cúmplices nos inumeros crimes cometidos contra a Lei Internacional. Teem presenciado em silencio o aniquilamento sistematico de todas as industrias belgas levado a efeito pela remoção para fóra do paiz das maquinas e da materia prima. Deixaram condenar os nossos empregados de caminhos de ferro e os nossos cabouqueiros que recusaram trabalhar para o inimigo. Ficaram impassiveis em face de inumeras condemnações á deportação, á prisão, á morte, de que foi victima, sem que se recorresse sequer nem a um simulacro de julgamento, o nosso povo resolutos.

Ainda mais, a maioria socialista em vez de assumir uma attitude independente tem em todas as occasiões apoiado no Reichstag os designios do governo, dando o seu voto a moções equivoacas destinadas a fortalecer a politica imperialista. Quando em novembro de 1915 a minoria fez uma interpelação a favor de se entrar em negociações de paz, a maioria rejeitou o esboço preliminar apresentado pela minoria e que pedia como base das negociações: — «Sem anexações; sem indemnisações», — condições hoje tão geralmente aprovadas. Não seria Heine que aplaudiu as declarações do governo, e que disse

que só os feitos militares poderiam decidir do momento propício para discutir as condições de paz? Não seria Sudekum que exigiu francamente que se garantissem as fronteiras necessárias ao seu país e as ligações económicas entre os Estados da Europa? E não votou docilmente a maioria a favor do governo em seguida a cada debate do Reichstag, quando Spahm ou Bauermann, em nome do partido burguez, tinham interpretado as suas decisões como sendo favoráveis a estas «garantias necessárias a leste e a oeste»?

Vê-se a mesma atitude ambigua e tolerante para com o governo quando se apresentou a questão da guerra submarina. A maioria socialista seguiu o exemplo da maioria burgueza votando unanimemente a resolução em favor do emprego sem restrições desta nova arma, desprezando a Lei Internacional, como provou logo a minoria socialista e como ficou demonstrado pelos acontecimentos que se seguiram. Porém é em relação á deportação de dezenas de milhares de operários belgas, com ou sem trabalho, que se patenteou com a maior crueldade e cinismo, o desprezo pelos direitos fundamentaes do individuo, do operario. Onde estavam então os protestos da maioria socialista? De má vontade e sob condições, aceitaram umas frases que provavam os esforços feitos pela minoria. Onde estavam os seus protestos contra o tratamento detestavel a que foram submetidos esses infelizes nos acampamentos alemães durante um inverno longo e rigoroso, sem aquecimento, sem

alimentação, muitas vezes mesmo sem cobertores?

Com um cinismo inconcebível, Bauer, um dos chefes sindicalistas, ousou informar o secretario da comissão sindicalista belga que as medidas tomadas contra os operarios tinham sido suggeridas pelos fabricantes de Hainault; que a maioria socialista não ousa proclamar alto os seus protestos, receosos da opinião publica; que os deputados socialistas não podiam saber o que se passava nos acampamentos porque os não podiam visitar! Porém afirmou que os seus colegas trabalhavam á socapa e que aos nossos infelizes camaradas seria feita justiça! Contudo ainda hoje, julho de 1917, a despeito da promessa do proprio Kaiser, milhares de operarios belgas, levados á força para fóra do seu paiz em novembro e dezembro de 1916, estão á espera da sua repatriação. Os que saíram da Belgica cheios de vitalidade e de energia parecem espectros quando nos chegam recambiados; enquanto que outros, muitos deles, morrem no exilio ou logo após o seu regresso.

Porém não terminou ainda o martirio dos operarios, pois assim que se estendem as zonas militares no nosso paiz, os nossos compatriotas são apanhados e obrigados a trabalhar — já não é nas fabricas da Alemanha, mas peor ainda, nas trincheiras do front Ocidental, sob o fogo dos nossos Aliados. Durante as batalhas de Flandres os desgraçados teem sido obrigados a carregarem munições para a artilharia alemã em acção. Esse todo poderoso militarismo, que

não pôde vencer a resistencia dos operarios belgas nos acampamentos alemães, tomou uma generosa desforra! E quando foi que se ouviu a voz do democrata-social alemão vibrar contra estas atrocidades? E se por acaso o fazia «á socapa», onde está a sua influencia com o governo? E se o governo alemão persiste neste procedimento porque será que o democrata socialista alemão vota sempre os creditos necessarios para se continuar esta obra nefanda?

Será ainda necessario recordar todas as baixezas, as vexações, os insultos diarios, as medidas odiosas ou ridiculas a que se tem tido de submeter ha mais de tres annos a população belga? As escolas acham-se fechadas por falta de carvão num paiz que tem um excesso de carvão, e isto porque o invasor para melhorar o seu cambio mercantil requisitou o carvão para o vender aos neutrais. Os comités estão prohibidos de organizar a instrução técnica, os operarios são despedidos das fabricas onde não é permitido empregar mais de doze a um tempo. Os municipios estão prohibidos de empreender obras publicas de utilidade; o povo tem de passar sem batata durante seis mezes do ano num paiz que, em tempos normais, exporta centenas de milhares de sacas; protege-se a passagem de generos alimenticios pela fronteira alemã em contravenção de compromissos aceitos. A tão gabada organização alemã tem sido duma impotencia notavel para regularisar a alimentação em todos os generos, de maneira que ha muitos mezes os trabalhadores tem-se visto absoluta-

mente privados de manteiga e de carne e vêem-se reduzidos a alimentar-se com uma porção restricta de pão e de sopa; e isto acontece enquanto o invasor contraria por todos os feitios a iniciativa dos municipios e dos comités, e abastece-se dos productos naturais do paiz sem prestar a menor atenção ás leis elementares d'uma honestidade vulgar.

Temos em seguida a desmoralisação e a desintegração espalhadas entre todas as classes da população, aproveitando-se para isso as exigencias flamengas. Vendo baldados os seus esforços para ganhar a classe operaria organizada, a qual recusou com altivez os oferecimentos degradantes feitos em nome do imperador pelo conselheiro Bidmann, a Alemanha dirigiu-se então a certos fanaticos, entre eles individuos sem posição social, que lutam com dificuldades pecuniarias e dos quais se formou o «Conselho de Flandres», em flagrante contravenção dos acordos internacionais e sem a sancção ou approvação daqueles que teem mandato publico em Flandres ou que teem tido uma parte importante no movimento flamengo. No proprio momento quando se procurava fazer acreditar ao mundo que nunca tinha havido intenção de destruir a independencia belga, appareceu um projecto para separar os wallons dos flamengos que revoltou a consciencia publica. A Alemanha encarcerou e deportou os empregados publicos que foram fieis ao seu juramento, que recusaram auxiliar o inimigo na sua obra de separação e aniquilamento. O *Vorwaerts*, para ani-

mar os tratantes, escreveu logo que essas medidas teriam um efeito vantajoso para a «Kultur» em Flandres. «Em quaisquer circumstancias em que vos acheis, sêde leais e fraternais», bradou o Parti Ouvrier Belge no dia 3 de agosto para os camaradas chamados a combater. Quão longe nos vemos agora do ultimo resto de fraternidade e lealdade! Tendo dissipado todas as previas illusões, o militarismo alemão ateou no coração do proletariado um fogo indestrutivel de odio. Ha ocasiões em que vemos com horror o dia quando a nação se verá libertada e que se ha de divulgar esse oceano de injustiças e sofrimentos, miseria e ruina, crimes e aviltamentos inflingidos á Belgica — despertando um odio como a historia jámais conheceu.

6.º

Ha quem diga: «Não são todos igualmente perversos.» Bem o sabemos. Temos escutado com uma anciedade extrema os mais leves rumores vindos da Alemanha. Vimos aquelas mulheres admiraveis, Rosa Luxemburg e Klara Zetkin, encarceradas com meretrizes por terem desfraldado o estandarte da Internationale quando rompeu a guerra. Temos seguido os esforços de Liebknecht, Mehring e os seus camaradas para abrirem os olhos aos operarios alemães. Sabemos como eles pagaram a sua ousadia. Temos visto a minoria, conduzida pelos amados veteranos dos democratas socialistas — Pernstein, Kautski, Haase, Ledebourg -- , sa-

culdir pouco a pouco a sua inercia; retractar os erros cometidos nos primeiros tempos da guerra e libertar-se da peia fatal duma disciplina humilhante. Temo-la visto por fim romper com a maioria; e a despeito de dificuldades sem fim causadas pelo estado de guerra, pela censura e pela repressão, temos visto desenvolver-se um movimento por entre a massa do povo mais e mais favoravel a estes homens. Porém não podemos esquecer que eles se deixaram iludir e enganar; que deram provas de falta de prevenção ou de coragem e que não fizeram ouvir os seus protestos, nem exprimiram angustia quando o militarismo prussiano feriu desapiedadamente o infeliz proletariado belga que permanece agora cheio de desconfiança, esperando anciosamente feitos mais decisivos.

E como foram recebidos pela maioria do partido os esforços da minoria? Com o auxilio da censura militar e de acordo com as corporações industriais, os chefes do partido, instrumentos passivos nas mãos do governo, assenhorearam-se dos jornais socialistas independentes de Berlim, Stuttgart, Bremen, Duisborg, Koenigsberg, etc. Despediram dos comités do partido os militantes mais leais porque respeitaram os principios da Internationale, e por meio do voto dos empregados civis auxiliaram servilmente as autoridades militares a refrear a classe operaria. Arrancaram das mãos de Klara Zetkin a direcção da *Gleichheit*, órgão intrepito das mulheres socialistas; consentiram que as suas publicações officiais caluniassem o he-

roico Friedrich Adler, o qual, sem duvida, cometeu o crime de retirar a Austria da atmosfera de absolutismo e opressão em que se definhava. Contudo, ao mesmo tempo, toleraram a propaganda e os actos dos socialistas e imperialistas que prégavam sem disfarce a missão «civilisadora» da Alemanha, e em setembro de 1916 chegou a aplaudir a idéa duma paz em separado — não com a Russia revolucionaria, mas com a Russia do Czar. Censuraram com veemencia os tumultos em Berlim do operariado que pedia mais pão.

Quando os operarios alemães voltam a si, libertam-se pouco a pouco dos seus maus pastores, repudiam os seus deputados — como aconteceu com Scheidemann em Solingen —; veem então os socialistas neutrais exortar os socialistas belgas nestes termos: «Não discutais sobre o passado; restabelecei as antigas relações; vinde entender-vos com eles, pois são socialistas bons e de confiança.» Como esperam eles que possamos ter fé na sinceridade socialista e no amor á justiça destes homens quando não usam de justiça nem de tolerancia para com os seus, nem mesmo para com os melhores dentre os seus? O Parti Ouvrier Belge tem uma idéa mais exaltada do que deve ser a reunião socialista internacional, e isto explica o motivo pelo qual até aqui tenha recusado os convites feitos por uma secção «neutral» da Internationale.

Ha porém outros motivos que o levam a recusar a prestar-se a qualquer tentativa de aproximação sob os auspicios dum ou outro dos

neutrais complacentes. Os operarios belgas não olvidam, decerto, a simpatia afectuosa e prática de que tem sido alvo por parte de muitas secções da Internationale; mas também não se esquecem da attitude duns pseudo «neutrais». Não se podem esquecer que o suíço Grenlich aplaudiu a oferta feita por Nathan aos socialistas italianos — oferta de 100.000 francos que foram recusados com desdem — para os animar a fazer uma propaganda contra a guerra. Não se esquecem da indecorosa viagem pela Belgica, sob os auspícios do invasor, duns bravos scandinavos que evitaram com todo o cuidado fazer indagações aos seus camaradas socialistas belgas por quererem, evidentemente, iludir a opinião publica internacional. Tão pouco lhes passou da memoria o uso deploravel feito por Grimm dos peores métodos burguezes de diplomacia secreta para levar os russos revolucionarios a tratar com a autocracia e o militarismo prussiano. Finalmente, viram com pasmo Troelstra, presidente do comité scandinavo-holandez, receber os *soi-disant* representantes dos pseudos socialistas activistas flamengos, homens sem mandato nem autoridade, e discutindo com eles com uma tal apparencia de seriedade que se tornou ridiculo. Não bastará isto para suspeitarmos dos oferecimentos desses neutrais?

7.º

Querera isto então dizer que o Parti Ouvrier Belge não aprecia e não quer participar em

qualquer esforço que se faça para esclarecer a situação geral? Está bem longe dele tal pensamento e tal desejo. Em setembro de 1914 aprovou a transferencia temporaria do Bureau Socialista International para que pudesse salvar a organização da Internationale. Notou com prazer as resoluções favoraveis á Belgica votadas nas Conferencias das Secções Neutrais celebradas em Copenhague em 1915 e na Haia em 1916. Tomou parte de bom agrado na Conferencia de Londres, em fevereiro de 1915, na qual pela primeira vez um dos grupos dos beligerantes formulou a base duma paz duradoura e frutifera, base que até hoje ainda não foi ampliada. Foi o primeiro a responder ao apelo feito pelo B. S. I. em 1915, na Haia, para que cada secção expuzesse o seu ponto de vista. Em dezembro de 1916, repetiu essa opinião e consignou com precisão o seu modo de encarar a paz e a luta a favor dela. Seguiu com a maior anciedade os progressos das secções da Internationale perante a comissão mixta de Stockholmo a qual continuou o inquerito iniciado na Haia em 1915.

Destas reuniões e conferencias o que tem aprendido o P. O. B.? Elas fortaleceram a opinião expressa no principio da guerra que neste conflito sem precedentes a luta decisiva está entre dois principios irredutiveis: ou o mundo d'ora ávante deverá viver sob a mesma ameaça e a mesma anciedade como pelo passado de crimes e renovados esforços de predominio por parte das Grandes Potencias que puderam ainda conservar os povos em estado de subjugação, ou

se verão os povos soberanos dispôr do seu proprio destino na comunidade das nações, assim como dispõem dos detalhes da sua vida social.

A esperança imorredoura que nutria o proletariado belga no triunfo da democracia transformou-se em absoluta certeza quando viram, com profundo regosijo, o proletariado russo — o mais perseguido do mundo — quebrar as cadeias e com o golpe ganhar para o seu paiz um logar proeminente entre as democracias modernas. Não custa a compreender o desejo ardente e legitimo do povo russo de obter sem tardança a paz que lhes permitirá consolidar a vitoria ganha na patria. O governo alemão quiz aproveitar-se desse desejo para concluir uma paz em separado, e não hesitou para conseguir esses fins dar apoio a certos revolucionarios russos «perigosos», os quais, para ser agradavel ao Czar, tinha anteriormente perseguido sem escrupulos. Chegou mesmo a fazer protestos de amisade ao governo revolucionario, no seu desejo de fomentar duvida e perturbação no animo do povo russo, o governo austro-hungaro foi ainda mais longe. Preocupada por dificuldades sérias no seu proprio meio, declarou que não pedia, no que respeitava á Russia, nem anexações nem indemnisações; esqueceu-se, porém, de acrescentar que tencionava recuperar-se dessa generosidade á custa da Servia, da Romania e do Montenegro. Mais uma vez se viu durante estas manobras os democratas sociais alemães servirem-se de todos os meios para incu-

tir fé na sinceridade e lealdade d'estas declarações ambiguas e reservadas.

Em vez de apresentar ao proletariado alemão o belo exemplo dado pelo povo russo derrubando os tiranos, em vez de chamar todas as forças democraticas e revolucionarias para atacar a ultima fortaleza da autocracia e reação existente na Europa e servir-se da revolução russa para ditar á Europa a paz fundada nos principios da Internationale socialista, os chefes da democracia social alemã (a maioria, procurou aproveitar a revolução para impôr uma paz alemã que deixaria de pé e intacto o militarismo e a autocracia prussiana e o direito divino (!) dos Hohenzollerns e dos Habsburgs.

8.º

Quando os delegados dos democratas sociais alemães responderam aos interrogatorios do comité scandinavo-holandez em Stockholmo, deixaram ver mais uma vez que punham o triunfo do «germanismo» acima do direito das nações de disporem livremente dos seus destinos, e que não tinham a minima intenção de restaurar a quaisquer nacionalidades europeas as liberdades de que tinham sido privadas pela autocracia e pelo militarismo da Prussia. A interpretação leal da formula apresentada pelo comité de militares e operarios da Russia poderia servir de base para estabelecer uma paz duradoura; porém a maioria socialista alemã dá-lhe uma interpretação sua, concordando

neste ponto com a maioria dos democratas sociais alemães na Austria.

O P. O. B. acha inutil entrar em discussões com estas secções emquanto elas persistirem numa attitude que é manifestamente oposta aos principios fundamentais da Internationale. O P. O. B. está plenamente convencido que a maioria socialista alemã no seu agregado já não deseja conquistas territoriais á custa da Belgica; porém as revelações feitas em Stockholmo sugere para o nosso paiz um estado possivel de vassalagem á França e á Inglaterra, sugestão levemente disfarçada sob o pretexto de garantias declaradas necessarias mas que não foram definidas. Não se imagine contudo que o proletariado belga se ocupa unicamente dos seus interesses nacionais por insistir na justiça de sua causa e nos males de que tem sido vitima. Pelo contrario, na sua esperança ardente de ver estabelecidas na Europa condições politicas que permitam ao proletariado internacional operar com o maximo efeito, está de alma e coração com todas as nacionalidades oprimidas e deseja a sua libertação absoluta.

O P. O. B. quer a restituição de Alsace-Lorraine á França e tem esta reparação na conta duma condição essencial para uma paz europêa duradoura. Tambem quer a reconstrução do Estado da Polonia livre e independente — que deve incluir não só a Polonia russa mas a Polonia prussiana e a Galicia. Quer que a paz traga a libertação dos Czeche e dos Slovaks, dos Ruthe-nos, dos Italianos, dos Servios e dos Romenos,

hoje sujeitos á minoria alemã da Austria e aos Magyars da Hungria. Quer a libertação dos Armenios do jugo turco sob o qual tanto teem penado e a sua inclusão no grande gremio das nações russas autonomas. Numa palavra, quer que os principios do direito dos povos que dispuzerem de si sejam applicados definitiva, logica e lealmente.

Durante os ultimos tres annos as classes operarias da Belgica teem tido occasião de reconhecer quais são os sentimentos dum povo que foi contra a sua vontade submettido a um governo estrangeiro. Lembra-se do que sofreu o povo da Alsace-Lorraine; lembra-se das dezenas de milhares de polacos que foram enforcados na Galicia desde que rompeu a guerra; lembra-se das brutalidades sem fim a que foram expostos os italianos do Trentino e de todas as maguas inflingidas aos Czechs, aos Servios, aos Croatas e aos Slovaks pela dominação austriaca. A seu ver não ha sacrificio oneroso de mais comtanto que assegure a estas nações escravizadas uma vida livre e independente. Eis o motivo por que não desejam uma paz prematura que só serviria para restabelecer o *status quo ante bellum*.

Ora, é exactamente este *status quo* que desejam a maioria dos socialistas alemães e tambem a maioria dos socialistas austriacos. Porque direito e quaes são os principios que permitem a estes pretensos socialistas continuar a sacrificar aos interesses e ambições dos seus autócratas a liberdade de tantos povos? Repelem os

protestos eloquentes de Bebel, Liebknecht e Schweitzer contra a anexação da Alsace-Lorraine em 1870. Tão pouco aceitam — nem mesmo com o fito de terminar a guerra — o que Engels lhes indicou, não ha 25 anos, como sendo um dever impreterível: «A democracia social alemã não pode exercer nem reter poder, a menos que repare as injustiças feitas pelos seus antecessores ás outras nacionalidades. Tem de se preparar para restabelecer a Polonia, a qual foi traída pela burguezia franceza; tem de colocar o Schleswig e a Alsace-Lorraine em posição de poder exprimir livremente a sua vontade sobre o seu futuro politico.» Lassalle não foi o unico alemão que denunciou a Austria-Hungria como sendo o Estado da Europa o mais inimigo da civilisação; que desejou «ver o negro que ao lado do austriaco não parecesse um homem branco». Friedrich Adler revelou-nos esta Austria — «o principio reaccionario, o inimigo mais formidavel de todas a idéas de liberdade», como não tendo mudado os seus processos durante o decurso d'esta guerra.

9.º

Com respeito ás justas indemnisações devidas a differentes paizes, a maioria socialista alemã mantem a mesma attitude hostíl. A Belgica, a Servia, as provincias devastadas da França terão de sarar as suas feridas segundo o modo indicado pela interpretação alemã da formula: «Sem indemnisações». O quê? Tomemos

o caso da Belgica. Isto significaria que a Alemanha, impunemente, teria levantado contribuições de guerra de centenas de milhões de francos ás provincias e cidades; teria imposto a determinadas cidades e vilas, sob pretextos os mais frivolos e muitas vezes os mais ridiculos, multas sem fim; teria roubado as nossas maquinas e materias primas; teria destruido sistematicamente as nossas fabricas; ter-se-hia apoderado, a preços ruinosos, de todas as mercadorias fabricadas; teria arrancado milhares de quilometros das nossas vias ferreas; teria, para aproveitar lucros ilicitos, liquidado o negocio de todos aqueles que recusaram trabalhar para o inimigo; teria, sem nenhuma razão militar, destruido e incendiado vilas e aldeias; teria massacrado aos milhares os habitantes indefezos; teria deportado aos bandos os trabalhadores para morrerem de fome, frio e maus tratos: numa palavra, teria procedido de forma a que já não exista uma só familia que não tenha de chorar os seus mortos, a sua ruina, a sua decadencia fisica e moral — tudo com impunidade.

E, segundo a maioria socialista alemã, os autores responsaveis de todos estes males, — que tudo levaram, tudo roubaram, tudo destruíram, na sua obra de predomínio — vencidos na sua ambição, devem usar do direito de se retirar impunes e de renegar a promessa solene feita em 4 de agosto de 1914 pelo Chanceler e apoiada unanimemente em 2 de dezembro de 1914 pelo partido socialista. Pedir-nos-hão, sem duvida,

que nos comprometamos a facilitar-lhes o retomar imediatamente as suas antigas relações comerciais e inundar o mundo livremente com os seus produtos, emquanto que as classes operarias da Belgica e do Norte da França terão de dispender durante mezes, talvez annos, os seus esforços na reconstrução das suas fabricas, primeiro que o seu paiz possa vender uma tonelada que seja de mercadorias. Pois sim! mas se fôr preciso, se nos não podermos restaurar nestas condições, far-nos-hão uma esmola — esmola sacada pela maior parte das bolsas dos nossos Aliados.

O P. O. B. não aceita para o seu paiz uma esmola desta ordem; não se ha de constituir numa raça de pedintes: só pede o que é seu de direito, e ha de alcançá-lo!

Mas o que havemos nós de esperar destes pretensos socialistas, cuja missão fundamental é a de combater toda a exploração do homem pelo homem; porém que, nas circumstancias as mais tragicas e movidas por um egoismo nacional, admitem sem pejo e desculpam a exploração cinica e systematica duma pequena nação leal e valente por uma nação poderosa levada para esta campanha aggressiva pelos seus governantes? Como ousam eles convidar as suas victimas a reunir-se e a deliberar em perfeita confiança com os representantes duma confraria social possuida duma tal concepção dos seus deveres?

Portanto o P. O. B. recusa tomar parte agora em qualquer conferencia em que seja represen-

tada o partido da maioria dos democratas sociais alemães. Nada tem a esperar deles enquanto continuarem a manter a sua atitude presente e a dar o seu apoio á autocracia e ao militarismo da Prussia. Não quer ser cúmplice na obra de iludir as classes operarias das nações, aceitando agora o convite para discutir um programa de paz. Ainda mais, não quer reabilitar aos olhos dos operarios alemães que já começam a voltar a si, os chefes da maioria do partido socialista alemão. Nunca aceitará a proposta duma reunião, a menos que a questão de responsabilidades seja integralmente examinada; disso depende a possibilidade duma acção futura.

10.º

Se para o P. O. B. é moralmente impossivel uma conferencia com os delegados da maioria, já não existem os mesmos motivos para que recuse de se encontrar com os delegados da minoria desse partido. A atitude corajosa de Liebknecht, a luta persistente da minoria contra o movimento imperialista, a declaração equivocada feita em Stockholmo, as afirmações explicitas de Haase no Reichstag a 20 de julho, são uma indicação suficiente que na Alemanha, no proprio centro do proletariado, existem forças sociais que teem permanecido fieis e com as quais a Internationale poderá contar quando sobre os acontecimentos se fizer toda a luz e que se tenha restabelecido a confiança mutua.

Portanto o P. O. B. não recusa tomar parte

numa conferencia com os delegados da minoria do partido socialista alemão, afim de trocar com ela as explicações que pede uma restauração de mutua confiança, — passo indispensavel antes de se entrar em acção. D'ora ávante, porém, o P. O. B. mantem a sua resolução de não aceitar a táctica suggerida pela minoria para conseguir o seu programa de paz.

A minoria socialista alemã pede, no que respeita a nacionalidades, a reconstituição completa da Belgica independente; da Servia, juntamente com os servios austriacos; da Polonia, com as suas tres partes reunidas, — isto é, incluindo a parte hoje sujeita á Prussia. Pede uma solução definida da questão da Alsace-Lorraine, permitindo após um exame leal que a população se declare livremente. Em suma, para todas as nacionalidades oprimidas, a minoria pede o direito de decidirem do seu proprio futuro e o direito de autonomia.

A minoria socialista alemã tambem requer, em conformidade com o compromisso tomado com o Chanceler em 4 de agosto, que a Belgica seja indemnizada. Aprova a arbitragem obrigatoria; o desarmamento geral; as relações comerciais livres entre as nações; a protecção internacional para os operarios; o respeito pelo direito dos indigenas nas colonias, e o livre-cambio universal.

O P. O. B. recorda que apresentou estas mesmas reclamações na sua Nota de dezembro de 1916, e que a minoria socialista alemã respondeu que o estado de guerra obstava á sua

realização e insistiu na necessidade de se entabular imediatamente as negociações de paz. O P. O. B. rejeita categoricamente a proposta de se aventurar actualmente num caminho tão illusorio e perigoso.

Illusorio, na verdade, como o provam os ultimos acontecimentos na politica interna da Alemanha! E' certo que a longa duração da guerra, com os seus sofrimentos e privações e, sobretudo, com a manifesta impossibilidade de obter uma vitoria definida, fez reflectir o povo alemão e já começou um vasto movimento para a paz. E' tão grande a ancia pela paz que o Centro Católico impellido não pelo amor á justiça mas pelo receio de perder a popularidade, mudou de orientação e procura persuadir ao publico que só deseja uma paz de reconciliação. Porém a formula votada no Reichstag, e novamente com o apoio da maioria socialista, está falha de clareza e de sinceridade; os socialistas, o Centro, o Chanceler, e os proprios pan-germanistas, dão-lhe a interpretação que lhes parece e que convém ás suas ambições tão diversas.

Apesar da formula se opôr claramente a anexações francas ou disfarçadas, todas as declarações do governo alemão e dos partidos que o apoiam hostilizam absolutamente a reconstituição da Polonia unificada e perfeitamente independente, e a solução leal do problema da Alsace-Lorraine. A intervenção das suas autoridades militares e do Kronprinz na crise recente que trouxe a queda de von Bethmann-Hollweg, a declaração solene do novo Chanceler, afirman-

do que Hindenburgo e Ludendorff aprovavam a sua exposição ambigua, testificam evidentemente que o militarismo e o imperialismo predominam ainda na politica interna e externa da Alemanha. Como pode então a minoria socialista alemã esperar por meio da paz anular essas influencias?

Não é a propria minoria que denuncia a ilusão fomentada pela maioria concernente á democratisação da Prussia?... e o estabelecimento duma verdadeira administração parlamentar na Alemanha? Mesmo que a maior parte do povo alemão voltasse desde já os seus pensamentos para a conciliação, é certo que só com repugnancia aceitaria a doutrina que toda a nação tem o direito de dispôr de si. Em todo o caso, as suas aspirações despedaçar-se-hiam contra a vontade e a força, ás quais se não pode opôr. Politicamente o povo é impotente; de nome poderá ser todo poderoso, porém na realidade nada pode fazer.

O P. O. B. considera perigosa toda a agitação em favor duma paz prematura. Já o constatou na sua Nota de 12 de dezembro de 1916. Acontecimentos ulteriores justificam que se repita com maior veemencia. O P. O. B. tem seguido com anciedade e por vezes com uma indignação irreprimivel, a propaganda dos maximalistas russos, cegos por teorias iliberaes e desencaminhados pelo caos que os rodeia — propaganda cujos resultados tristes se vêem agora. Houve jámais um espectáculo tão repugnante como o de utilizar as mais puras doutrinas do

socialismo para servir verdadeiramente os propósitos do rei da Prússia?

Com magua temos visto camaradas nossos, socialistas experimentados da França, da Itália e da Inglaterra, prestarem-se a estas manobras de paz. Não podemos compreender a sua cegueira, a sua enfatuação, imaginando que podem salvar a Europa do pesadelo da guerra por via de negociações com potências autocratas e militares que delas se possa obter o reconhecimento leal e sincero dos direitos das nações. Negamos aos neutrais o direito de excitar sentimentos de dó e de humanidade com o risco de ver calcar aos pés os direitos os mais sagrados. Porém também nos julgamos com o direito de dizer aos pacifistas da França e da Itália, da Inglaterra e da Rússia: «Os vossos sofrimentos comparados com os nossos nada são; os vossos povos trabalham e combatem para si, estão mais bem alimentados, melhor vestidos, teem mais agasalho do que os nossos; ainda gosam de prazeres morais que são dum valor inestimavel. O povo da Belgica, pelo contrario, consome-se ha tres anos a ferros; é obrigado muitas vezes a trabalhar para o inimigo; sofre falta de alimento, de vestuario, de combustivel; não tem a consolação duma imprensa amiga, nem recebe visitas nem cartas dos seus combatentes. E contudo — perguntai a este povo e ele vos dirá que não quer uma paz incompleta. Condena qualquer agitação que sirva para incutir a ilusão e a duvida, o tedio ou o desanimo aos camaradas do front que estão desempenhando a tarefa ardua mas nobi-

lissima — a libertação da humanidade dos fardos dum triste passado.»

O P. O. B. está convencido que existem só dois meios de successo — ou pela força das armas ou por uma mudança radical nas concepções e nas instituições das Potencias Centrais — mudança que permitirá ás nações democraticas reunir-se com elas, confiadas na sua boa fé, e tratar com elas na base das doutrinas contidas na formula sincera dos soldados e operarios russos. Esta mudança radical de idéas na Alemanha e na Austria ha de vir, porém imposta pela necessidade, como aconteceu quando o imperador Carlos prometeu o sufragio universal á Hungria e a reforma constitucional á nacionalidade da Austria. Foi debaixo de pressão que o rei da Prussia prometeu mais uma vez estabelecer nesse paiz o sufragio universal. Porém tanto um como outro deseja conservar o seu direito soberano de decidir da guerra e da paz. Tanto um como outro recusa conceder a administração parlamentar e reconhecer o direito dos povos de disporem livremente do seu destino. E' só pela continuação da guerra que — seja de dentro ou de fóra — se ha de destruir esta ultima barreira ao triunfo da democracia e da justiça.

11.º

Recusa portanto o P. O. B. colaborar em qualquer movimento a favor duma paz imediata.

Quererá isto dizer que as diferentes secções de socialismo nacional devem permanecer pas-



sivas no que diz respeito ás condições da paz futura? Pelo contrario, o P. O. B. julga ser da primeira importancia o papel que as diferentes corporações socialistas teem de desempenhar, tanto do ponto de vista da vitoria da causa dos Aliados como do ponto de vista da Internationale. Do ponto de vista da nossa causa, é essencial que se mantenha o moral daquelles que estão combatendo pelo direito e que se evite deixar introduzir-se nas suas fileiras o fermento da discordia. Para alcançar este fim é necessario que todo o soldado esteja inabalavelmente convencido que ele combate e que se sacrifica por um ideal de justiça sublime; e é necessario que os governos dos Aliados declarem com precisão quais os seus fitos de guerra para que a pureza das suas intenções se manifeste claramente e com especialidade a sua opposição a anexações que não estejam de acordo com os desejos dos povos interessados.

Neste sentido e por ridicula que possa parecer a hipotese, o P. O. B. é de opinião que Vandervelde — cuja opinião franca neste assunto já foi dada — não deve ficar num ministerio que tenha a intenção, oculta ou confessada, de procurar extensão de territorio na direcção do Rheno ou da Holanda. Os partidos socialistas devem portanto exigir que os seus governos tomem uma posição clara neste assunto; é da maior importancia para o ideal da democracia que os governos provem pelos actos parlamentares que o governo democratico, até mesmo em tempo de guerra, é mais que uma formula ôca.

E'-lhes imposta esta attitude pelas proprias doutrinas da Internationale, as quaes em circumstancia nenhuma se devem sacrificar a pseudo interesses nacionais que encobrem muitas vezes a cubiça dos capitalistas ou tendencias nacionalistas ou chauvinistas. Devem os Partidos Socialistas a si mesmo e á Internationale o renegar e desligar-se de todos os crimes contra a lei internacional cometidos seja porque autoridades fôr. Numa palavra, as secções da Internationale devem esforçar-se com ardor a formular uma politica de franqueza e sinceridade.

Porém o P. O. B. não pode admitir, sob pretexto desta acção, a tese demasiadamente simples daqueles que desejam colocar no mesmo nivel todos os governos, tornando-os representantes só da burguezia e do capital, e tirando dali a conclusão que a classe operaria nada tem com a questão de guerra. O P. O. B. recusa conferenciar com individuos que ignoram os principios declarados da Internationale e não querem reconhecer ao proletariado o direito e o dever de defender o seu paiz, vitima duma guerra de ambição. No estado actual da Europa e das suas instituições, tais teorias conduzem directamente ao triunfo dos paizes mais reaccionarios sobre os que politicamente teem maior desenvolvimento.

O P. O. B., portanto, recusa como sendo inutil e impossivel qualquer conferencia com os grupos que tem por chefe Zimmerwald; assim como por razões morais bem aparentes, recu-

sam tratar com os delegados dos maximalistas russos.

E' de todo o ponto inadmissivel que se recomence no seio da Internationale o jogo de reconciliar tendencias as mais contraditorias.

Finalmente, o P. O. B. não admite que certos grupos belgas, formados ao acaso no estrangeiro, tenham o direito de falar em nome do operariado socialista da Belgica. Este ultimo conta com a sua imensa maioria na patria; mantem relações com as sociedades de auxilio mutuo, com as cooperativas, com as associações industriais, com os grupos universitarios, todos ainda com vida e activos apesar de tres anos de guerra. E' o verdadeiro partido dos operarios socialistas da Belgica. Emquanto aos que estão no estrangeiro, se ha entre elles alguns que merecem ser consultados — supondo possivel regular a sua posição como membros do partido — devem primeiro pensar naqueles que estão no front, em seguida naqueles que trabalham para o seu paiz na França ou na Inglaterra, depois naqueles que sofrem nos acampamentos alemães ou holandezes, e, finalmente naqueles que pediram abrigo na Holanda, que não podem passar dum a fraca minoria, que não teem ligação verdadeira com os operarios e portanto que não teem autoridade.

Fins de Julho de 1917.